

## EDITORIAL

### A Medicina Contemporânea Pode Fazer Mal para os Pacientes?

**Enio Roberto Pietra Pedroso**

A Medicina (*medeo*: cuidar, *kline*: debruçar) constitui-se na forma como o ser humano inclina-se para o cuidado da pessoa; com o objetivo de obter e manter a sua saúde; isto é, o seu bem-estar biopsicosocialcultural espiritual, e não trata apenas da doença. Expressa o esforço humano não só em entender a si mesmo, em seu contexto objetivo e subjetivo, mas também em sua inserção familiar e social, quanto às suas apreensões e necessidades, diante de sua variabilidade de opinião, atitude e crença, e que vai da perversidade à magnificência em seu relacionamento interpessoal e com a natureza, desde o nascimento à sua morte. Trata-se de serviço humanístico e humanitário, e requer de quem a pratica esforço também em busca da consciência de si, da natureza, da vida, e competência em ousar, transgredir e transformar a própria vida, e de quem lhe pede ajuda, em busca desse bem-estar.

O médico é o ser humano que assume o acolher e cuidar do outro, como tarefa de sua própria vida. A organização formal da sociedade em busca da formação do médico implica em vários pressupostos que buscam orientar como promover saúde, atenuar doença, aliviar desconforto, assistir incapacidade, evitar morte prematura, promover bem-estar. Seus recursos são os mesmos da relação humana apropriada, em que o exame clínico aproxima o médico do paciente e sua família, e permite a síntese e o julgamento sobre o que altera a relação saúde-doença, como prepara a terapêutica e estabelece o exercício da influência infinita em busca do bem-estar que todos procuram.

O estabelecimento do diagnóstico não significa, necessariamente, a melhora da saúde; é preciso entender a exposição e o desnudamento objetivo e subjetivo da pessoa ao médico, mais complexo ainda do ponto de vista subjetivo, que permite o acontecimento da cumplicidade e conspiração nessa relação, em busca de vida melhor, respeitosa, digna. Representa a confiança e a solidariedade do médico ao seu paciente desde o momento em que o paciente nasce, experimenta-se, ajuíza a sua experiência, entende a existência, vive a sabedoria do juízo, busca o bem-estar na própria essência, conscientiza-se da própria morte, transcende a matéria. Representa sentir com o sentimento do outro – compaixão –, tarefa que não só envolve, mas ultrapassa a ciência, e se revela na arte, experiência, ânimo, retidão de caráter, trabalho e força das palavras; em fazer, inclusive, o doente sentir a doença em paz.

A medicina contemporânea foi construída em função da contribuição da: análise criteriosa dos postulados de Koch, baseados na observação da doença em humanos, a sua correlação com a sua ocorrência em animais de experimentação, e sua associação ou extrapolação em relação à observação humana anterior;

---

Professor Titular, Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

**Endereço para correspondência:** Departamento de Clínica Médica, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais. Avenida Professor Alfredo Balena, 190, Santa Efigênia, Belo Horizonte, MG. CEP: 30130-100.

valorização da epidemiologia clínica; análise de óbitos e sua avaliação macro e microscópica de como a doença foi capaz de provocar a morte; relação e entendimento da hemodinâmica com a perfusão de órgãos e sistemas, e a função de órgãos preferencialmente perfundidos; integração entre órgãos e sistemas por intermédio da própria hemodinâmica, como também de hormônios, do sistema nervoso, de sinalizadores para células, e a caracterização da inflamação; descrição da ação de agentes biológicos, físicos e químicos como responsáveis pelo adoecimento; gerontologia; ecologia; compreensão sobre o comportamento humano como responsável por muitos dos processos do adoecimento; melhor compreensão sobre receptores neurológicos, reverberação de transmissões sinápticas e fatores de crescimento de neurônios, presença e variação da microbiótica natural de cada pessoa, fenômenos que têm permitido abordagem até então pouco conhecida sobre os estímulos cerebrais e as conexões entre recepção e efetuação de estímulo. A qualidade total aplicada à Medicina impulsionou o entendimento do processo de trabalho e sua influência sobre a recuperação de pacientes e controle de sua doença, no limite do tempo de ação de efeitos deletérios de processo patológico sobre a ordem anatômica e a função correspondente à perda anatomofuncional. Os estudos multicêntricos; a análise de múltiplas casuísticas; e os testes comparativos entre propostas clínicas, propedêuticas e terapêuticas fizeram a Medicina avançar exponencialmente no último século. O conhecimento em Medicina evolui hoje de forma que um fato ou fenômeno novo é apresentado em cada 48 horas! A publicação em Medicina atinge mais de 400.000 trabalhos por ano! Como se comportar para contribuir para que o paciente se sinta personalizado e não uma engrenagem nesse sistema?

É preciso abordar a doença e o doente. O paciente precisa sentir-se bem por ir à consulta. A melhora geral é importante, como também é a específica. O sucesso terapêutico depende não só da doença resolvida, mas da relação entre o médico e seu paciente-família-comunidade. É preciso sensibilidade, atenção e cumplicidade para conspirar com o paciente, e não só explicar resultado, probabilidade, efeitos adversos, custo. O equilíbrio que o senso comum de tudo permite pode ser a resposta para que a interferência necessária da ciência não incorra em transformação da ação médica em mesmo processo que ocorre em uma linha de montagem de uma fábrica. É preciso combinar ciência e arte, objetividade e subjetividade.

A Medicina e o médico estão integral e intensamente envolvidos nessa tarefa ao mesmo tempo instigante, complexa, sensível, desafiadora, repleta de motivações em sua obtenção. Assim expressa-se a perspectiva de saúde como bem a ser perseguido e conquistado e as pessoas têm no médico seu aliado incondicional.

Observa-se, desde o final do século 19, que essa evolução espantosa dos conhecimentos incorporados à medicina permitiu solucionar graves problemas de saúde, antes inimagináveis ou inatingíveis. O conhecimento cada vez mais particularizado requereu a divisão do corpo em partes, cada vez menores, o que resultou em visão de técnicas, de especialidades, de doenças, de abordagens. A formação geral foi, por isso mesmo, pulverizada de forma a se desdobrar em infinitas especialidades, em decorrência natural da fragmentação do conhecimento. Essa característica conduziu o comportamento humano para a visão particularizada do todo, o que coincidiu com a tendência à solidão e ao individualismo da sociedade, instalando-se com plenitude a era da informação. Esta, tornou-se explícita e valorizada a realidade virtual, o modelo, o molde, o manequim substituindo a presença humana. Associou-se a isso a ganância, a busca desenfreada pelo acúmulo de patrimônio, o consumo, a valorização estética, a busca da eternidade e juventude, o individualismo, que determinam o aparente bem-estar da sociedade contemporânea. Tudo isso envolto por políticas públicas insuficientes e até inadequadas em relação à: saúde, educação, ambiente, seguridade social, que seguem o pressuposto do mercado regido pela concorrência, clientelismo, subempreguismo e tecnologia aplicada de forma a substituir a observação e a conversação. Nenhuma dessas opções significou melhor assistência. Inclusive, é capaz de despersonalizar a relação médico-paciente, sendo o médico, em muitas circunstâncias, usado como minimizador da tensão social.

O exame clínico revela a expressão da doença no paciente. Permite ao médico aproximação, a conspiração e cumplicidade com o paciente; em momento singular e especial, em que mais do que a objetividade da doença, está presente toda a sua representação no doente, desde que “não existe doença mas doente”. Nada supera a “mensagem” que o médico transmite, nesse encontro, de sua disposição em ajudar ao

paciente a obter vida melhor. Os primeiros encontros desencadeiam sentimentos fundamentais para os passos seguintes da missão médica, como: confiança, respeito, confiança. Esse encontro estabelece coerência, opinião, crença, harmonia; constituindo-se oportunidade ímpar de troca de experiências, inclusive com a família e a sociedade. Observa-se, na atualidade, a substituição abusiva do exame clínico pela propedêutica complementar. Considera-se como paradigma contemporâneo que o método clínico é insuficiente, incapaz diante da auto-suficiência da propedêutica complementar, em determinar a certeza do diagnóstico, e os pacientes passaram a ser fatiados em órgãos e sistemas.

A propedêutica complementar realmente melhora o diagnóstico ou o prognóstico? A sintomatologia física é responsável por mais da metade de todas as consultas ambulatoriais, entretanto, o modelo predominante de atenção focada na doença é inadequado para muitos desses encontros motivados por sintomas. Além disso, a quantidade de treinamento médico dedicado à compreensão, avaliação e tratamento dos sintomas comuns é desproporcionalmente pequena em relação à sua prevalência, comprometimento e custos com a assistência médica.

As enfermidades tendem ocorrer diante de excessiva exigência pessoal ou necessidade insatisfatoriamente resolvida. As doenças incuráveis promovem desesperança, sofrimento, angústia, morte, o que pode devastar o paciente e sua família, com ansiedade, medo, pânico, enigma sobre o futuro; responsabilidade pela família, pelo trabalho, e com as suas dívidas. O exame clínico é essencial para ajudar o paciente a: entender o correto para si, sentir-se valorizado, assumir com esperança recursos existentes para reduzir o sofrimento, cooperar para cura/controlar a doença, perceber/conviver com suas limitações e as da medicina, conhecer-se para impedir que preconceitos afetem sua relação ou promovam erros básicos em sua interação com o paciente. A visão do paciente sem limites de: órgãos-sistemas, corpo-alma, indivíduo-coletivo, permite: ultrapassar conhecimentos e técnicas, ampliar relacionamento com o paciente e sua família, perceber a pessoa e a entender o valor que dá à vida. Nada supera a gratificação do encontro médico-paciente do que o diagnóstico bem conduzido, correto e com a mínima necessidade de intervencionismo. A atenção insuficiente ao paciente, tende a substituir conversa, esclarecimento, motivação, por exames e terapêutica. O diagnóstico e a prescrição podem ser corretos, e insensíveis e o paciente pode curar-se, e sentir-se insatisfeito e perguntar: meu médico se interessa por mim? O paciente quer e merece compaixão, compreensão e interesse: conselhos, alívio, compartilhamento de pensamentos e segredos; amigo de confiança e confiança. A tecnologia não significa melhor assistência, e pode até descaracterizar e despersonalizar, a relação médico-paciente.

A educação em Medicina não segue rumo diverso, em comparação com a prática médica. Exige como avaliação de excelência profissional debruçar sobre a doença, ou sua parte, como mecanismo de progressão profissional e obtenção dos valores exaltados pela sociedade contemporânea. A formação presencial, como modelo de aferição foi substituída pelo ensino à distância; o entendimento das entrelinhas do conhecimento substituído pelo ensino formal de regras, modelos, guias. Empurra o docente para a bancada da experimentação clínica, epidemiológica, laboratorial, terapêutica; e, o retira da missão de influenciar jovens, para a percepção real do bem-estar individual e social. O mérito, a hierarquia, o humanismo e o sentido humanitário da vida humana são considerados ingênuos diante da técnica, tecnologia, impessoalidade, referência de mercado e de competência.

A Escola Médica é, naturalmente, onde a Medicina é exposta ao seu aprendiz, além de ser responsável pela especialização, atualização, reciclagem; crítica e criação de conhecimentos, sob livre pensamento, com oportunidades de encontro com o controverso; em que a avaliação e aplicação de novos processos técnicos e tecnológicos é desenvolvida, aplicada de forma contínua e plenamente discutida, sem tendenciosidade; regida pelo balizamento ético; e sensível à natureza humana, e à missão humanitária. É onde a visão do paciente não possui limites de: órgãos-sistemas, corpo-alma, indivíduo-coletivo; e, se permite ultrapassar conhecimentos e técnicas, ampliar relacionamento interpessoal, e perceber a pessoa e o valor que dá à própria vida. É onde se atinge o limite da ciência, e o ultrapassa, ao se atuar na vanguarda, da arte do cuidado, acolhida e consolo à pessoa e sua família, com equilíbrio emocional, interesse, conhecimento da natureza humana, equanimidade, competência técnica, entendimento do que marginaliza e subjuga o ser humano, e no

reconhecimento de que a morte existe e é digna. É onde o transcender a capacidade técnica, o conhecimento científico constituem-se em tarefa comum, em compaixão, em interesse pela pessoa e pela vida. A dignidade e a compreensão permeiam o pensar, ensinar, aprender e ouvir; e a distinção do que é ou não supérfluo, fútil, inútil, precisa ser continuamente considerada; entendendo o limite pessoal e o da ciência.

É local onde é preciso estabelecer salva-guardas para quem terá como tarefa receber confiança, intimidade, autorização para atingir o aparente indevassável espírito humano de outrem, mesmo sem ter conseguido entrar no próprio, e sem aproveitar para si, em todos os sentidos, a boa fé do outro; perceber o limite da ciência sem ter chegado a ele; usar com equilíbrio e harmonia as maravilhas da tecnologia que são informadas como salvadoras de todos os males, sob a influência, nem sempre verdadeira, de que são sempre de muito benefício; ser influenciado pelos valores que decorrem do patrimônio, beleza, juventude, troca de benesses, sem se influenciar a ponto de impedir a importância da percepção da singularidade de cada pessoa; e favorecer a equanimidade das relações humanas.

É preciso entender o valor da vida, e da imensa influência sobre o bem-estar de bens sociais como liberdade de expressão, educação, trabalho digno, seguridade social, moradia, respeito e dignidade para as dessemelhanças, sem omissão nem negligência.

É preciso saber que o médico nem sempre diagnostica ou trata, mas sempre alivia o impacto da enfermidade, ajuda a pessoa a se integrar nela mesma, em sua família e comunidade. É crítico e criativo, educador para a saúde, portanto, em compromisso com a inovação, a transgressão, a transformação da pessoa e da sociedade, em todos os locais onde se criam e se espalham experiências que respeitam a dignidade humana, sensível aos esforços da pessoa a se adaptar à perda de sua saúde e a conviver com suas limitações, e a finitude da vida.

Apesar do desenvolvimento e do impacto da tecnologia aplicada à Medicina, permanecem questões humanas a distinguirem a ação médica. Não é possível o exercício da Medicina sem humanismo nem senso humanitário e, portanto, a definição da formação médica tem como princípio norteador as oportunidades curriculares de encontro com a ebulição de ideias e como elas enlevam o espírito humano e o levam a agir em busca do bem-estar que todos almejam e merecem com equanimidade, conseqüentemente, com justiça social.

A profissão, qualquer que seja, requer instrumentos práticos para saber fazer adequadamente o que se propõe, nos limites para o que se propõe a fazer. A formação do médico em qualquer nível em que seja proposta (graduação, residência médica, atualização, reciclagem, mestrado, doutorado, pós-doutorado) requer estabelecer o que se pretende em seu final, isto é, quais os conhecimentos teóricos e práticos; as habilidades e habilitações psicomotoras e psicossociais; e como promover a sua constante atualização e controle, para que seja sempre terminal em seu propósito e não necessariamente apenas ponte para outro fim.

Qualquer que seja a tendência e o destino da prática médica no futuro, é essencial a proteção do paciente e sua família, em que o respeito, a segurança, a confiança e a compaixão permaneçam como propósitos da Medicina que acolhe e cuida para o bem-estar que todos almejam e merecem.